Ensaios sobre o BRINCAR…

O Núcleo de Currículo da Educação Infantil, integrante da Coordenadoria Setorial de Formação/Cefortepe, convida os profissionais da Secretaria Municipal de Educação de Campinas (SME), que constituem as propostas pedagógicas das escolas das infâncias, a mergulharem nos propósitos dos documentos curriculares da Educação Infantil, com olhares para as vivências e experiências brincantes criadas por crianças e educadores nas escolas.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E se fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Fernando Pessoa/Alberto Caeiro

Olhares sobre o brincar…

"O homem só é inteiro quando brinca, e é só quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra homem." Este pensamento do poeta alemão Friedrich Schiller é pronunciado por autores, como Lydia Hortélio, quando se referem ao brincar como constituinte da vida do ser humano. O brincar é um dos campos de composições lúdicas inventados pelo ser humano e concretiza-se em jogos e brincadeiras. Ao brincar, a criança, ou o adulto que mantém sua dimensão brincalhona, relaciona-se com o mundo permitindo-se arriscar, sonhar, raciocinar, conectar, pensar e agir com espontaneidade, podendo criar com as mais genuínas indagações, liberando a sua curiosidade.

Brincar é algo transformador, transforma-dor, é manifestação da criança na sua inteireza corpo-sentinte-pensante. Quando brincamos, conectamos a realidade com os nossos desejos, sonhos, fantasias e ressignificamos situações diversas que compõem a cultura na qual estamos imersos, dando a ela novos tons e infinitas possibilidades de devir. Recompomos dores e prazeres (des)a(fiando)-os com sentidos outros, diferentes dos presentes em nosso cotidiano.

Todas as formas de conhecimento… artes, ciências, brincares, filosofias, matemática, história … são permeadas pela ludicidade. Nossos corpos são potencialmente lúdicos, ou seja, capazes de jogos criadores entremeantes de elementos da realidade com aspectos criados na nossa imaginação. Um exemplo disso, nesse

caso no campo científico, são as vacinas contra a Covid-19, recém construídas, que precisam, para existir, de tanta imaginação entrelaçada com experiências concretas quanto acontece na composição das brincadeiras das crianças. Vacinas já existiam no mundo, mas foi preciso imaginar possibilidades sobre o novo vírus, confirmá-las ou não cientificamente, imaginar hipóteses de relação entre o conhecimento preexistente e esse novo vírus, projetar as vacinas, novamente imaginar hipóteses e testá-las na realidade. Humanamente, somos todos brincantes, ludicamente criadores!

Mas que brincar é esse do qual falamos, quando nos referimos à Educação Infantil? De fato, existem muitas maneiras de brincar: brincadeiras de casinha, brincadeiras populares típicas de cada região, que passam de geração a geração, brincadeiras de rua, brincadeiras com elementos da natureza, com brinquedos comprados, com brinquedos não comprados e feitos pelas próprias crianças, com brinquedos imaginários, com jogos sem fim. Um infinito de possibilidades brincantes adentra o universo das infâncias. Porém, o que enfatizamos aqui é a importância das vivências e experiências com o livre brincar, naqueles tempos e espaços planejadamente disponibilizados para a criança e suas criações brincantes, para aquelas brincadeiras que a criança inventa e reinventa, transformando-se e, consequentemente, às suas formas de estar, perceber e agir no mundo.

"No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo" escreveu Manoel de Barros. O pensamento lúdico, nossa potencialidade humana para jogos dramaticamente recriadores de nós e da vida, possibilita a composição dos papéis sociais que desejarmos na relação com as ciências, com a literatura, com o cinema, com a filosofia, com a música, com o brincar ou com o que mais nossos corpos criadores solicitarem. O pensamento corpo-criador possibilitante de todo tipo de jogo, das muitas formas culturais de fazer de conta, que facilmente detectamos, por exemplo, nas brincadeiras de casinha, esse pensamento criador desponta como um precursor e, de formas diversas, participa de todas as elaborações lúdicas constituintes de nosso contexto social.

Nas escolas das infâncias, tempos e espaços para brincar são primordiais na educação das crianças e dos educadores, que, estudiosos da importância do brincar na educação dos seres humanos, são também muitas vezes convidados a brincar com os pequenos. Meninas e meninos compõem papéis que, dialogando com o cotidiano, reelaboram os sentidos das coisas, de si, do grupo e dos tratos com a realidade, modificando-a. Meninas e meninos podem ser noviça, monge, mendigo, pai, mãe, animais, tio, tia, professor, bebê, gente grande… meninos e meninas brincam com bonecas e bonecos presentes ou imaginários, com roupas, cobertores, toalhas, panelas, fogões, carros, caminhões, pedrinhas, casinhas, sucatas… presentes ou imaginários. Meninos e meninas pintam as unhas e podem explorar criadoramente as linhas dos cabelos uns dos outros. Um pedaço qualquer de tecido pode ser o que a criança almejar. Brincar alimenta a possibilidade autoral e (re)criadora em todos os fazeres que nos exibem humanos. O pesquisador e artista plástico Gandhy Piorski afirma: "O nada é o chão do todo. Assim, é rico de possibilidades, aberto sempre a novos caminhos".

As crianças têm sido insuperáveis no quesito de imaginar coisas que não existem, combiná-las com a realidade e, assim, modificar o mundo para muito além do que permite a tradicional "razão sozinha", apartada do corpo e das emoções, como quando um conhecimento está guardado na gaveta de alguma

disciplina escolar sem que alguém o conecte com nossos corpos e a realidade. Junto com esse tipo de razão abstrata, o acúmulo e o excesso de atividades a tomar o seu tempo pode entediar, embotar a autonomia, desvitalizar as forças criadoras. É com a vitalidade do pensamento-corpo-criador que as crianças atribuem e reatribuem sentidos às coisas que aprendem, sentem, observam, apreendem, interferem no mundo.

Ainda pensando com Piorski: "Precisamos oferecer espaço e tempo livre para permitir que as crianças floresçam". Para esse pesquisador, brincar incorpora a vitalidade humana florescente, o estar no mundo com desejos vivos e suscitadores de interesses criativos também em outras pessoas. O elemento capaz de reconfigurar formas de vida, alimentando essa vitalidade é, segundo esse autor, a imaginação, o nosso pensamento-corpo-recriador de realidades.

Sobre as infâncias…

Quando pensamos na instituição escola, detectamos que há muitas infâncias coexistindo pelos espaços educacionais. Infâncias que, nos encontros entre as crianças, compartilham conhecimentos que são transformados em relações com outros conheceres. Nesse movimento, novos repertórios são constituídos e as crianças, imersas nessa troca, passam a perceber e a agir no mundo vislumbrando possibilidades de experiências nunca antes imaginadas.

Esses afetos corpo-sentintes-pensantes na relação com os conhecimentos, tanto os já existentes, construídos na história da humanidade, quanto os novos, reconstruídos ou recém-criados por crianças e educadores no espaço-tempo escolar, acontecem no livre brincar na medida em que as crianças nutrem-se de suas autorias e das autorias de outras crianças, na relação com diferentes repertórios, mais singulares ou mais coletivamente pulsantes. Os conhecimentos compartilhados permitem autorias e recriações das/nas brincadeiras: por isso é tão importante ampliar repertórios e incentivar e potencializar a liberdade de expressão e criação também pelo livre brincar, para que, ao exteriorizar seus despropósitos em relação a elementos tantas vezes autoritariamente estagnados na realidade, as crianças os materializem libertariamente em gestos brincantes:

"Se a humanidade tem futuro, ela vai retomar por aí: pela infância". "Brincar é o maior exercício de liberdade que podemos ter". (Lydia Hortélio)

Vivenciando e experienciando o livre brincar, a criança observa, pensa, sente, experimenta o mundo, lança hipóteses, inventa e reinventa propósitos e despropósitos, realiza peraltagens, cria novas conexões, pode experienciar felicidade, tristeza e frustrações: nas palavras de Manoel de Barros, "você vai encher os vazios com as suas peraltagens e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos". Ao se nutrir de toda essa diversidade de pensares-sentires, as crianças encontram-se com a possibilidade de transformações em seus corpos inteiros que, potencialmente brincantes, podem atuar no mundo reconstituindo-o e a si mesmas. Isso acontece também com o adulto que, ao mantê-la acordada ou ao resgatar a sua infância, permite-se "ir

junto" com as crianças, num movimento, não hierarquizável, de companheirismo e de partilha de conhecimentos.

Essa variedade de situações, com sempre possíveis encontros criadores proporcionados com o livre brincar, permite que a criança faça escolhas, muitas vezes inclusive acerca de alguns riscos a correr, minimizando-os, organizando-os e dialogando sobre eles, além de contribuir para reeducar os adultos para receber o novo, tratar com o imprevisível, com o que, como diz Jorge Larrosa, filósofo citado nos documentos curriculares construídos por esta Secretaria, ainda "não podemos abarcar". O livre brincar ensina a olhar para a multiplicidade, para o diverso, para o belo que é belo por nos afetar esteticamente e não porque alguém disse ser belo, para as minúcias, de forma que, de fato, se aproximem de experiências transformadoras de cada um de nós e, portanto, dos grupos, de aspectos do cotidiano que tantas vezes escapam ao nosso olhar apressado, equivocadamente programado para fazermos mil coisas rapidamente e ao mesmo tempo.

Com olhares mais atentos e sensíveis, podemos perceber que, muitas vezes, vivências geraram experiências, por exemplo, se a postura corporal das crianças e as intencionalidades nas suas ações se modificaram, se certos conhecimentos são deslocados para outras elaborações, mobilizando intencionalidades e fazeres outros entre os saberes, a escola e a vida. Através das experiências, os corpos são ressignificados e ressignificam situações do cotidiano, dentro e fora da escola. Experiências essas que, para Larrosa, nos passam, nos atravessam, nos transformam e se reconfiguram por e em outras vivências e experiências.

Essa ideia vai ao encontro da concepção de infância que constitui os documentos curriculares da SME e que incorpora a criança, desde o seu nascimento, para além de sujeito de direitos, como autora e (re)criadora de conhecimentos a partir de seus desejos e das necessidades singulares e dos grupos. As práticas sociais são construídas e reconstruídas com e pelas crianças. Ao observar as brincadeiras criadas pelas crianças na escola, é possível perceber a conexão com a vida: as brincadeiras são a extensão de seus corpos, impregnadas de conhecimentos que nos mostram um currículo vivo, corpo-experienciador, pulsando na Educação Infantil pública de Campinas.

Os educadores, as escutas, os planejamentos…

Desde o início do trato com o Projeto Pedagógico, os olhares para as autorias e criações brincantes configuram pensamentos essenciais para contextualizar, potencializar e organizar os planejamentos pedagógicos, necessitando ser espiados, considerados, registrados, acolhidos, apreciados, compartilhados e dialogados por educadoras e educadores, uma vez que subsidiam e transformam suas intencionalidades, abrindo caminhos e configurando novas conexões e replanejamentos, conjuntos com as crianças, ao longo do ano.

Nesse sentido, a sensibilidade e a atenção para essas criações, para o que nos parece simples, para as miudezas, dinamizam o que está dado a ver, pois, assim, exercitamos também nossa empatia, nossa intenção em estarmos juntos, criarmos juntos, sendo cada um de nós mais um convidado para as brincadeiras, ressignificando e reconstruindo o que está posto e tem sido, ao longo da história, muitas vezes tomado como pronto e acabado. As crianças têm sede de inventar, de experimentar, de repertórios variados, antigos ou novos, de vivências diversas, de recriações espaço-temporais, de experiências educacionais libertárias, de partilhas.

Será que nós, educadores, temos ouvido quando as crianças nos convidam para essas conexões, para a constituição de vínculos entre nós e entre nós e os conhecimentos? Será que temos sido brincantes rumo a uma educação libertária e criadora entre a escola, a vida e os conhecimentos?

Quando a criança se depara com excesso de comando ou supervisão, ela tende a apre(e)nder que isso sempre acontecerá, que alguém pensará por ela, fará por ela, decidirá por ela. Assim, é importante que o educador se exercite para resgatar a relação com o potente imaginário que o habita e que, ao revisitar a sua criança interna, com os afetos, ou seja, com os pensamentos e as sensações que suscitavam os brincares na infância, possa valorizar as decisões e as possibilidades de escolhas pelas crianças, ainda que, algumas vezes, elas possam inicialmente nos parecer absurdas ou despropositais.

O brincar não é e não pode ser uma vivência secundária, oportunizada depois de algo que, historicamente, a escola e os educadores consideraram como mais importante do que as experiências corpo-brincantes-criadoras, ou ser usado como mero pretexto para que as crianças adquiram algum aprendizado tradicionalmente considerado pelos adultos como o objetivo para estarem ali. O brincar livremente, na Educação Infantil, é elaboração de conhecimento potente em si mesmo e pulsa intenso de possibilidades que permitem que a criança, como já dissemos, acesse inúmeras outras situações e conhecimentos, construídos por ela e por outras crianças, possibilitando outras experiências transformadoras**.**

No que se refere às reflexões aqui presentes, um dos movimentos requeridos é que elas sejam, junto com outros pensamentos integrantes dos documentos curriculares da Educação Infantil da SME de Campinas, relacionadas com os planejamentos, replanejamentos e ações educacionais realizados nas escolas, buscando pensar sobre o importantíssimo papel do brincar e suas possibilidades em uma Educação Infantil criadora, inclusive dentro de cenários sociais que exigem ressignificações e recriações junto à realidade, como durante a pandemia, gerada com o novo coronavírus.

O que a criança mais precisou fazer nesse momento pandêmico, além de lidar com conflitos familiares suscitados por tantas mudanças na vida, foi reinventar o cotidiano e criar estratégias para com ele lidar da melhor maneira possível tornando fundamental, portanto, educadores, a acolhida desse novo repertório por meio de escutas, de atenção, do compartilhar dos registro de relatos das criações alçadas,

planejando e modificando, dessa forma, com as crianças e suas perspectivas, os espaços e tempos escolares e as razões corpo-brincantes que os integram.

Preparar com as crianças ambientes aconchegantes e ricos em possibilidades de criação, agregando seus conhecimentos e interesses com uma diversidade de materiais brincantes, é um desafio ao educador, que necessita ser estudioso e pesquisador tanto para possibilitar a imersão das crianças em outros territórios, já existentes, quanto para constituir com elas novos territórios, com materialidades diversas das quais elas, na história da Educação Infantil, têm comumente se relacionado, ou que ainda não exploraram ou estão distantes da frequência almejada, como o ferro, a madeira, os ruídos e outros sons, o sisal, o carvão, a argila, o vento, o bambu e outros elementos. Brincantemente, as crianças podem dar a elas, separadamente ou em uma composição conectiva, a função que quiserem, transformá-las naquilo que a imaginação solicitar e, por vezes, em questão de segundos, esse material novamente se transformará, recebendo infinitamente novos sentidos e significados e, às vezes, novas formas.

Nós, educadores, precisamos entender e disseminar o quanto determinados materiais são prejudiciais ao ambiente. Através de imersões nesses assuntos, podemos possibilitar que as experiências criadoras ocorram, com maior frequência, com as materialidades que contribuem com preservação e cuidado ambientais. Se houver esse conhecimento e entendimento, crianças, educadores e famílias perceberão a importância de aprender sobre esse preservar e o quanto um trato restrito quase que somente a materiais industrializados inibe as possibilidades de experiências (re)criadoras.

A imaginação conectada com o real, concretizada no brincar, permite reconfigurações da vida de várias formas, inclusive na relação com o ambiente, já que as crianças também são (re)criadoras de culturas.

Quanto mais potentes criadoramente forem os materiais para interagir, mais possibilidades de conhecimentos são acionados no desenrolar das brincadeiras e podem ser construídos, desconstruídos e reconstruídos a cada invenção. Brincar é uma forma de elaboração e arranjos de conhecimentos, e não um passatempo para entreter as crianças depois de algo supostamente mais importante. Brincar é, nos planejamentos pedagógicos e nas vivências e experiências na Educação Infantil, criação que permite compor e viajar para outras realidades: “Meu irmão pregava no caixote duas rodas de lata de goiabada. A gente ia viajar” (Manoel de Barros).

Tudo aquilo que é descartado por não servir mais para nada, seja qual for sua materialidade, serve para poesia, ensina-nos Manoel de Barros. Assim, todo elemento chamado de “cacareco” serve para a arte, para a criação, para o brincar. Nesse sentido, cantos com variedades de “cacarecos” são um potente convite ao brincar. Ao observarmos algumas crianças, percebemos que elas montam e desmontam brinquedos, talvez para tentar entender como eles foram construídos ou para saciar a curiosidade em descobrir o que há dentro deles. Se a criança tem liberdade de escolher as matérias com as quais criar, para além das vivências e experiências com brinquedos prontos, intensificam-se as possibilidades de “autoria e criação”, um dos

princípios constituintes dos documentos curriculares da SME. Certos brinquedos prontos limitam a criação e, muitas vezes, só incentivam o consumo, principalmente de plástico. Brincar com sucata pressupõe uma variedade de objetos feitos de diversos tipos de materiais e torna possível e interessante, em certos momentos, dialogar com as crianças sobre a reciclagem e seu impacto no mundo. A relação com brinquedos pensados e construídos por adultos, industrializados ou não, pode ser uma das possibilidades para brincadeiras, mas jamais a única e nem a preponderante.

Afetadas pelas pesquisas de Gandhy Piorski, enfatizamos aqui a importância dos elementos da natureza na relação com a vida e a educação das crianças. Segundo suas pesquisas, brincadeiras com os quatro elementos da natureza, terra, água, fogo e ar, têm ação vital na constituição do humano: "A natureza tem força necessária para despertar um campo simbólico criador na criança."

Para Gandhy, a natureza é muito mais que terra, céu e mar, e tampouco está restrita à visão tradicional na escola, de uma natureza sempre sob controle, domesticada, enjaulada, como a de pequenos jardins, canteiros de ervas medicinais, hortas, árvores e animais aprisionados, pois as crianças necessitam adentrar a natureza mais selvagem das coisas do mundo, percebendo sua importância para além daquilo que está recortado, fragmentado, para a criança ver de acordo com o que o adulto, comumente educado à distância de pensar sobre o ambiente com sua natureza e preservação, deseja que ela tenha contato ou aprenda.

Mas, diante de tantas dificuldades de contato com essa natureza mais selvagem, o que é possível realizar entre crianças, natureza e escola?

Obviamente, as possibilidades variam de escola para escola, de turma para turma, mas é possível, ao brincar, explorar espaços do entorno, conhecer praças do bairro e de toda a cidade, visitar parques, bosques e outras áreas verdes disponíveis, acessando pontos da natureza e observando sua conservação ou a falta dela, aprendendo a perguntar e a conhecer de quem são as responsabilidades de cuidado com a área visitada, tanto no que se refere a gestões públicas como à relação da comunidade com esses espaços. Depois dos "passeios" é possível resgatar questões e elementos que suscitaram afetos e, se houver interesse naquele ou em outro momento, propor criações a partir deles. Os ambientes de riqueza biológica são, segundo Gandhi, espelhos que estão nas narrativas de crianças e adultos, na literatura, no teatro, nas músicas, em nossas humanas invenções.

Conchas, cipós, pedras, folhas, flores, areia, barro, gravetos… os quatro elementos da natureza: terra, fogo, água, ar… alguns ambientes de riqueza biológica e vida natural: áreas verdes, fontes, nascentes, rios, mares… suscitam necessidades e curiosidades com sempre novas perguntas e respostas perante as problemáticas da vida.

Uma casinha pode ser feita com diferentes madeiras, formas, texturas, cheiros, numa relação mais íntima com tais elementos e mobilizando-os para mais perto das crianças.

É importantíssimo entendermos, aprendermos e respeitarmos a natureza como uma diversidade, uma composição viva a ser preservada e não um conjunto de fragmentos. No entanto, brincadeiras relacionadas a cada elemento da natureza podem ser importantes no movimento de valorização do brincar e do reconhecimento de sua potência (re)construtora de conhecimentos e do mundo, pois, embora saibamos que, muitas vezes vários elementos, inclusive os da natureza, compõem juntos certas brincares, medicamentos ou uma obra de arte, há sempre certos discernimentos a serem vividos e aprendidos. Quando pensamos, por exemplo, numa possibilidade de hibridez entre literatura e teatro, ou entre literatura e artes visuais, comum em certos livros, precisamos, também, aprender a discernir entre literatura, teatro e artes visuais e acessar as suas peculiaridades, para, no âmbito das criações culturais pensarmos e criarmos diferentes tipos de conexão, obras, conhecimentos.

Dessa forma, dando vazão ao contato com vários e diferentes materiais e materialidades, especialmente no que tange às relações com elementos da natureza, em algumas situações talvez o fogo possa visitar a escola como uma fogueira e as crianças, com a supervisão dos educadores, brincam em volta, observam-no, cantam, conversam sobre as sensações despertadas… ou simplesmente silenciam. Cozinhar ou assar alimentos podem ser experiências interessantes, sempre que houver a possibilidade.

A água pode participar com molhaceiras do corpo e de espaços que constituem a escola, pode aguar as plantas, as crianças podem criar entre materiais que flutuam, brincadeiras de pescaria, enchimento e esvaziamento de recipientes… podem, ao pegar a água, simplesmente senti-la a escorrer entre os dedos.

A terra nos convida a colocar os pés no chão, a com ela nos conectarmos. Podemos brincar de muitas formas com a areia, fazer barro e, talvez, nele nos lambuzarmos, moldar objetos com a argila, construir fazendas, casinhas, colecionar e brincar com diferentes tipos de pedrinhas.

O ar pode ser experienciado a partir de situações que permitam contatar o mundo muito diversamente. A Coordenadora Pedagógica Andréa Marzochi relata uma experiência criadora vivida durante a pandemia: a professora solicitou que as crianças estendessem roupas no varal e atentassem para os movimentos bailantes nelas desencadeados com o vento, bem como para a secagem por ele proporcionada. Também é possível "pesquisar" brincantemente sobre os voos de pássaros e de aviões de papel, construir e soltar pipas, encher e brincar com bexigas, bem como vivenciar explorações outras que permitem contatos e pensamentos sobre as nossas humanas relações com o ar, com o vento.

Retomemos o diálogo com Gandhi: o convite aos educadores para, com as crianças, tratarem com elementos da natureza em experiências criadoras na escola, assemelha-se a como o marceneiro cria com a madeira, não para ensinar marcenaria, mas para contatar seus próprios desejos, sua vitalidade criadora e seus

campos de percepções. Nessa perspectiva, também na escola a marcenaria, e as experiências afins, se torna uma força de relação com a natureza.

Finalizamos, por ora, essa reflexão, com o entendimento de que os planejamentos pedagógicos, incluindo a organização dos espaços-tempos na escola, dependendo de como acontecem, incentivam ou limitam o livre brincar e o pensamento criador que lhe é intrínseco. Quando eles são projetados e desenvolvidos numa perspectiva de controle dos corpos, baseado nas reproduções, nos estereótipos, no adultocentrismo, na assimilação de conteúdos prontos e acabados, a autoria e a criação das crianças e dos educadores são despotencializadas e o trabalho pedagógico acontece na contramão das propostas curriculares da SME de Campinas.

Feito o diálogo e a retomada dos conceitos permeadores desse texto, é indispensável para fins de novas construções e (re)planejamentos que registros e documentações sejam organizados e reorganizados continuamente pelos educadores, com olhares lançados sobre esses materiais a serem compartilhados entre os diferentes educadores da mesma e de outras escolas: textos, imagens fotográficas, filmagens, observações das crianças em contextos diversos, rodas de conversas realizadas com assuntos específicos, potencializando o compartilhar de ideias e capturando elementos manifestados entre/pelas meninas e meninos que contribuam para pensar e valorizar a importância do brincar e seus desdobramentos na educação das crianças no cotidiano das escolas.

Nesse sentido, práticas afinadas com as concepções e conceitos destacados nesse texto, sempre relacionadas aos princípios e concepções constitutivos das Diretrizes e dos Cadernos Curriculares Temáticos deste município, precisam integrar as propostas pedagógicas de todas as Unidades Educacionais, desde o Projeto Pedagógico.

Brincar solicita liberdade de certas desconstruções do universo cultural para a construção, com outros elementos, de novas brincadeiras e de novas possíveis realidades com elas suscitadas. Se até agora, em algum tempo e espaço escolar, a brincadeira aconteceu de forma predeterminada e predeterminante, de forma limitada pelo olhar adulto, com materiais ou materialidades pensadas a partir de um contexto diferente do que apontam os documentos curriculares da Educação Infantil da SME, há de se modificar e ampliar esse repertório, reorganizar os espaços e tempos com elementos diferenciados e acolhedores dos pensamentos e desejos das crianças, otimizando-os para além do enxergado por nós educadores.

É fundamental buscar nos diálogos o pensar e fazer juntos sem perder de vista a singularidade de crianças e educadores, valorizar o livre brincar como potência autoral e criadora e nunca como uma premiação para depois daquilo que ainda é muitas vezes considerado, equivocadamente, o mais importante no cotidiano das escolas, geralmente a realização de atividades num sempre mesmo formato e tamanho retangular de papel, de forma estereotipada, pouco ou nada criativa.

Esse início de reflexão mais específica sobre as brincadeiras, que acontece com o envio deste texto-diálogo para as Unidades Educacionais, requer curricularmente imprescindível trocar conhecimentos sobre o brincar e outras temáticas entre os educadores, compartilhar observações, planejamentos, registros e documentações, bem como participar de debates e de outras propostas sobre essa temática, a serem cada vez mais acentuadas por e com o Departamento Pedagógico/Coordenadoria Setorial de Formação da SME.

A concepção de infância que integra os documentos curriculares da Educação Infantil pública de Campinas a captura como um modo de vida que é criador de si, de aspectos cotidianos, de coisas inovadoras e da realidade. Com ela dialogando, incluímos os educadores nesse contexto criativo e salientamos a curiosidade infantil e investigativa que ludicamente nos constitui. Somos todos, independente da idade, potencialmente criadores.

Há de se refletir:

- Será que libertária e educacionalmente temos "especulado" e "espiado" as crianças em suas brincadeiras e, assim, ajudado a mudar os nossos planejamentos e o mundo?
- Temos oportunizado, de fato, experiências brincantes?
- Com quais parceiros e que parcerias temos constituído visando experiências com o livre brincar?
- Como se dá a escuta e a organização dos espaços e tempos, com as crianças, para o livre brincar?
- Como adultos e crianças escolhem e compõem brincadeiras na escola?
- Como se dão os movimentos de autoria e criação das crianças em situações brincantes?
- Temos sido educadores infantes e brincantes?...

Referências

Bibliográficas:

BARROS, Manoel de. Exercícios de ser criança. Rio de Janeiro/RJ, Editora Salamandra, 1999.

PIORSKI, Gandhi. Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo/SP, Editora Peirópolis, 2016.

Documentos Curriculares da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Campinas/SP. Nesse texto estão envolvidos especialmente concepções, discussões e pensamentos constituintes dos seguintes documentos:

- Prefeitura Municipal de Campinas. Secretaria Municipal de Educação. Departamento Pedagógico. Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a Educação Infantil: um processo contínuo de reflexão e ação. Campinas/SP, 2013.

- Prefeitura Municipal de Campinas. Secretaria Municipal de Educação. Departamento Pedagógico. Caderno Curricular Temático. Educação Básica. "Espaços e Tempos na Educação das Crianças" , Vol. 1. Campinas/SP, 2014.

- Prefeitura Municipal de Campinas. Secretaria Municipal de Educação. Caderno Curricular Temático. "Arte, Músíca e Educação: tudo é coisa musical…". Vol. III. Campinas/SP, 2021.

Videos:

A Importância do Brincar com Lydia Hortélio -

https://www.youtube.com/watch?v=UHNPqRn6evY

A Revolução do Brincar – Ocupação Lydia Hortélio - https://www.youtube.com/watch?v=VePI9co0fR

Diálogos do Brincar 2 – Criança e Natureza – Gandhy Piorski - https://www.youtube.com/watch?v=L4u8pnqMkQQ

O despertar para a Cultura da Infância – Ocupação Lydia Hortélio - **https://www.youtube.com/watch?v=nopzDgPIxXQ**